

## **A Intervenção do RI14 no *Golpe das Caldas***

Todos os acontecimentos históricos que vão marcando a história dos homens têm os seus antecedentes, uns mais próximos outros mais remotos, que depois ficam com o ónus de fundamentos causadores.

Neste caso, e para não irmos mais longe, tudo começou verdadeiramente quando um grupo de quatro capitães que na altura prestavam serviço no RI-14, ao amanhecer do dia 9 de Setembro de 1973 se meteram num carro e se mandaram por aí abaixo na direcção do Templo de Diana, na cidade alentejana de Évora onde, como fora sigilosamente combinado um outro capitão discretamente lhes passaria um croquis com a indicação do caminho que dali os levaria ao Monte de Alcáçovas.

Curiosamente, estes quatro capitães eram todos do mesmo curso de Infantaria da Academia Militar e, no intervalo para mais uma comissão na Guerra que nesse tempo era do Ultramar, ocupavam-se na preparação de contingentes atrás de contingentes de tropas com destino àquele conflito bélico que o Regime do Estado Novo teimava em afirmar que era um mero exercício de soberania nacional.

As razões daquele encontro de cerca de 140 capitães e alguns majores e subalternos num ermo lugar da longa planura alentejana, eram naquela fase, essencialmente de natureza profissional. Mas o tempo e as vicissitudes do processo aqui iniciado depressa se encarregaram de conferir a este episódio o estatuto fundador do "Movimento dos Capitães" e do projecto que acabaria por desaguar na madrugada libertadora do 25 de Abril de 1974.

De facto, àquela reunião muitas outras se seguiriam, todas clandestinas e rodeadas das necessárias medidas de segurança que incluíam fintas e simulações e, de degrau em degrau, aquilo que começou por ser uma reivindicação profissional bem cedo enveredou para um projecto de derrube do Regime através de um golpe militar e, conseqüentemente, de encontrar outras saídas para a Guerra Colonial.

Pelo caminho, entretanto, as coisas precipitaram-se, quer no seio da instituição militar quer no meio civil. Em 23 de Fevereiro de 1974 sai para a rua o livro "Portugal e o Futuro" com a assinatura do General António de Spínola, no qual expõe as suas ideias sobre a resolução da magna questão colonial baseando-se na sua experiência como Comandante-Chefe da Guiné. Entretanto crescem as contestações à cegueira da Ditadura do Estado Novo, isto apesar de uns arremedos de algumas liberdades, nomeadamente nos meios de comunicação social e da aceitação da Ala Liberal da Assembleia Nacional, numa macaqueação democrática que alguns ingénuos apelidaram de "Primavera Marcelista", quando a verdadeira Primavera só viria depois, no seu tempo natural. Nas ruas, nas fábricas, nos serviços e nas universidades intensificam-se os movimentos de contestação dos trabalhadores e dos estudantes. Os partidos e movimentos políticos na clandestinidade não só tinham a sua mão em toda esta agitação como, inclusive, criavam os seus próprios movimentos armados que grande aflição e muitas inquietações causavam ao Regime através duma onda de atentados.

E os capitães, lá na sua ideia, nunca mais pararam, organizados como estavam tanto aqui como nas frentes da Guerra Colonial e outros locais, preparando-se afanosamente para a acção militar do derrube do Regime Ditatorial que continuava a segurar com mão de ferro os destinos da Nação.

Mas, de repente, se calhar para surpresa só dos mais ingénuos ou inconscientes, tudo se precipitou, em boa parte por causa, no imediato, do êxito e decisiva influência, tanto na opinião pública como no seio das Forças Armadas dos acontecimentos de que a seguir se faz ligeiro registo:

- Em 23 de Fevereiro de 1974, como já foi referido, é publicado o livro "Portugal e o Futuro", que traz a chancela do General António Spínola ex-Comandante-Chefe e Governador da Guiné.

- No dia 14 de Março os generais da estrutura superior das Forças Armadas, num gesto de afirmação de pura vassalagem ao poder instituído e, pelos vistos, ameaçado, organizam e levam a cabo a farsa daquilo que logo recebeu o jocoso nome de "Brigada do Reumático" na qual, aqueles senhores de farda, arvorando-se em representantes de todos os militares, se apresentaram no Palácio do Governo para ali, de viva voz, reiterarem o seu incondicional apoio ao Regime, então de Marcelo Caetano. Mas nesta farsa não entraram, para além de mais um ou outro, os generais Costa Gomes e António Spínola, precisamente, os que ocupavam os lugares mais cimeiros da Instituição Militar, respectivamente, as funções de Chefe do Estado Maior e Vice-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

- Na desse mesmo dia, como era bom de ver, já se começava a falar, e a escrever, acerca da destituição daqueles dois dissidentes generais, o que logo se veio a confirmar.

Perante isto, o Movimento dos Capitães entra em acelerada ebulição, enveredando por caminhos cheios de precipícios e alçapões que ainda hoje, volvidos todos estes anos, estão longe de ter uma cabal explicação. Porque nessa altura, o plano de operações militares com vista ao derrube do Regime ainda se encontravam numa fase muito embrionária.

O dia 15 de Março, por sinal já a anunciar a Primavera que aí vinha, nasceu radioso e bem disposto; a vida no quartel do RI-14 em nada destoava das suas naturais rotinas da instrução e preparação de mais um contingente de recrutas que, volta aqui outra volta mais além, tinham o destino traçado para a Guerra Colonial. Nesses cuidados se passou a manhã dos capitães, os quais, por norma, no intervalo entre a manhã e a tarde, e sempre que outros empenhamentos não o impedissem, iam almoçar a casa com os seus familiares.

E foi o que eu fiz: findos os trabalhos da manhã, dirigi-me a minha casa (que não era minha), na circunstância ali tão perto que até dava para se ir a pé, a fim de almoçar na companhia da minha mulher e dos dois filhos, um com três anos e pouco e o mais pequenino com pouco mais de meio ano.

Mal abri a porta e entrei, logo a minha mulher me anunciou que na salita de visitas estava um senhor à minha espera, quem era quem não era, ela a dizer que era militar e que vinha para falar comigo com toda a urgência. E deste modo esse dia que, por ser 15 de Março não se apresentava com quaisquer pergaminhos especiais nem evocava alguma conhecida efeméride, a partir deste momento iria enveredar por caminhos tão estranhos, quanto ainda hoje carregados de mistérios.

Pois quem estava ali à minha espera, ele assim se apresentou, era um oficial subalterno da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, que tinha sido enviado de urgência, aqui e a outros lugares, a fim de nos dar conta dos últimos e acelerados acontecimentos que obrigavam a queimar etapas nos planos da acção militar que vinham a ser preparados e, assim, dizia ele, porque tudo se tinha precipitado, a qualquer momento, a partir de então, poderia vir um sinal para se avançar, para onde e como, logo se veria, e esse sinal qual era, disso também não sabia, mas que bem poderia ser o Otelo aparecer fardado nos ecrãs da televisão que na altura, será bom lembrar, era só uma.

E fazer mais perguntas de nada valeria, porque ele também pouco mais sabia. E assim nos despedimos, eu ainda um pouco desconfiado e ele com ares de muita pressa a dizer que muito obrigado, mas não podia aceitar o convite para connosco comer alguma coisa e depois continuar viagem.

Que ele até podia não gostar: coisas da época, favas guisadas com arroz seco à parte. Pois eu, mesmo assim com o estômago já meio ensarilhado, era tanto o meu gosto por este manjar que ainda deu para comer até enfiar, tudo bem entremeado com dois bons copos de vinho, do tinto e daqui da nossa região demarcada e cuja fama era tão antiga ou mais que a do Constantino.

À minha mulher pouco lhe adiantou em várias vezes me perguntar porque é que eu estava tão calado e o que é que, afinal, aquele senhor me queria. Por fim, e antes de sair, perante tanta insistência, lá acabei por lhe mentir dizendo-lhe que não era nada de especial, mas que estava relacionado, e aí já falava verdade, com aquilo que nós, os capitães, há uns tempos vínhamos a tratar nas reuniões, e ela a dizer que ficava na mesma, pois de tais reuniões também pouco ou nada sabia.

De regresso ao quartel, estava eu, como era rotina, encostado ao balcão do bar da Sala de Oficiais a saborear a minha bica entremeada com golinhos de bagaço – para desgastar, pensava-se então – e a acender o inevitável cigarro quando, ao levantar a cabeça na direcção da porta de entrada, vi o capitão Costeira a fazer-me sinais para ir ter com ele. Depressa despachei o que sobrava do café e do bagaço, para logo a seguir, de modo mais ou menos disfarçado me dirigir para o átrio da Casa de Oficiais, onde aquele meu camarada me aguardava já na companhia do capitão Ramalho, que aqui ainda não foi mencionado.

«A malta de Lamego tinha telefonado», disse-nos ele com alguma sofreguidão, para logo acrescentar que face aos últimos acontecimentos, eles tinham entrado em rota de colisão com o Comando da Região Militar do Porto, e que já se encontravam com a tropa sobre rodas, prontos a arrancar em direcção a Lisboa. Por isso, continuava o capitão Costeira, conforme fora mais ou menos combinado entre nós para esta hipotética situação, nós teríamos que imediatamente tomar conta da Unidade, de modo a eles terem por aqui a passagem assegurada e, eventualmente receberam reforços em pessoal ou material.

A seguir, muito apressadamente, eu dei-lhes conta do encontro, não sabia dizer de que grau, que acabava de ter em minha casa, pelo que nada mais era necessário para logo ali concluirmos que a coisa – que coisa, sabíamos nós lá bem – tinha efectivamente começado.

O que não havia era tempo a perder. E ali mesmo se decidiu, neste caso nem sequer em cima do joelho, tratar de avisar todos os comandantes de companhia, dar-lhes conta da situação e pedir-lhes para reunirem de imediato com os seus oficiais subalternos para os informar, mas de quê, concretamente, também nós pouco sabíamos, nada mais que qualquer coisa como um golpe militar a nível nacional que contava também com a participação da nossa Unidade; e que para isso era necessário que nós, os capitães assumíssemos o controlo do Regimento já a partir da formatura geral das duas menos dez; e que sim, que tínhamos todos de andar muito depressa, sem tempo nem ocasião para esclarecer dúvidas, era assim que tinha de ser e, daí para a frente, seria o que Deus quisesse, fracos argumentos, já se vê, para o pessoal se envolver em tão grave acto de insubordinação, de pouco alívio servindo nós declaramos assumir por inteiro todas as responsabilidades do que viesse a acontecer.

Com tudo isto no segredo dos deuses, e tirando uma ou outra estranheza, mais ninguém sabia do que a seguir se iria passar, muito menos o Comandante, militar experimentado e sabido e, no caso, até muito nosso amigo. Bem, mas agora não havia tempo para mais nada, pois o corneteiro, à hora certinha, lá estava a tocar para formar.

Naqueles tempos tudo era bem diferente: o serviço militar era obrigatório e o esforço na Guerra Colonial era de dia para dia cada vez maior. Assim, quando a formatura ficou pronta, para quem tem algum apego a estas coisas até era bonito de ver: entre graduados e praças, tínhamos ali formados, enquadrados e devidamente alinhados e perfilados não menos que 1500 homens.

E sendo eu o mais antigo dos capitães e conforme muito à pressa entre nós tínhamos combinado, logo que através do corneteiro foram dadas as ordens de “firme”, “sentido” e “ombro-arma”, ficando o Comandante, lá no seu lugar cimeiro à espera do pedido de autorização para mandar seguir as tropas, a custo lá me arranquei do meu lugar e dei início àquela inolvidável marcha na direcção do Comandante, eu a tropeçar nas palavras que na mente levava alinhavadas, e ele, cada vez mais surpreso e intrigado á medida que eu dele me aproximava. No ponto que achei adequado, parei. E ali fiquei bastante atrapalhado,

E foi ele que primeiro me perguntou o que é que se passava; e eu avancei mais dois ou três passos como se fosse para lhe segredar o que eu estava incumbido de lhe comunicar. Nesse momento – nunca mais me esquecerei – senti cá por dentro um aperto muito forte, uma dor aguda que só poderia ser do estômago com as favas naturalmente a protestar, como a dizer que não tinham culpa nenhuma do rumo que as coisas estavam a tomar.

Mas a inevitabilidade daquilo de que estava encarregado falou mais alto que o clamor das favas guisadas: e foi o que eu fiz, já não sei bem por que palavras, dizendo-lhe, sabe Deus como, que estava em marcha um levantamento militar e que, a partir daquele momento, toda a tropa que ele via ali à sua frente não obedeceria a outras ordens que não as dadas por nós, os tais três capitães da mesma arma e do mesmo curso da Academia Militar.

Dizer que o senhor ficou perplexo é quase o mesmo que não dizer nada. Do que me lembro muito bem é de ter visto o semblante do Comandante passar por tantas cores quantas a natureza humana pode suportar, fixando-se depois num pálido muito acentuado, ao mesmo tempo que balbuciava a custo qualquer coisa que não cheguei a perceber para, logo a seguir, com ar mais decidido, me dizer para dar sinal de que as tropas podiam seguir aos seus normais destinos.

Com a tropa já a desandar e passados alguns intermináveis segundos, o Comandante aproximou-se de mim, agarrou-me com delicadeza por um braço e levou-me para o jardim que naquele tempo existia ao longo de toda a frontaria do Edifício do Comando. Chegados aí, soltou-me o braço, virou-se bem de frente para mim e ali, olhos nos olhos, voltou a perguntar-me o que se passava, ao que eu, agora um pouco mais aliviado lhe dei conta mais ou menos detalhada do recado. Quando acabei, ele manteve-se durante algum tempo calado e, no fim, virou-se bem para mim e disse-me que nós devíamos estar era maluquinhos, sem imaginarmos sequer naquilo em que nos estávamos a meter. Eu, mais para não ficar calado, sempre lhe retorqui com qualquer coisa como que os dados estavam lançados e que nada agora nos faria recuar.

Passado pouco tempo chegaram-se a nós os outros dois capitães e ali, entre os quatro, foi de comum acordo estabelecido um trato: nós daríamos conta ao Comandante de todas as informações que fôssemos recebendo sobre o evoluir da situação; ele, por sua vez, comprometeu-se com igual procedimento relativamente a nós. Mas bem cedo nos apercebemos que um tal contrato teria um muito curto prazo de validade, passando bem cedo cada uma das partes a sonegar informações, só partilhando as que mais lhes convinham.

E o que a gente ia sabendo não era nada animador, a começar por Lamego que antes garantia estar “sobre rodas” e pronta a passar por aqui rumo a Lisboa e, afinal, ainda não tinham arrancado nem nunca iriam arrancar, o que, só por si, era já muito grave, porque foram eles, se calhar pendurados em alguma confusão, que, de algum modo, fizeram desencadear este caótico sobressalto militar.

E a nossa situação, tal como o dia, começava a entrar em agonia e agoniada avançou penosamente pela noite dentro. Os militares que normalmente pernoitavam no quartel às horas regulamentares recolheram aos seus locais de descanso e, a partir dum certo momento, a vigilância, além da guarda e do reforço, passou a ser garantida por nós, os três capitães, o Comandante e o 2º Comandante, juntando-se depois a este grupo um outro capitão e um major que tinham ido para suas casas, isto porque, entretanto, a Unidade recebeu ordens de entrar em Prevenção Rigorosa, o mais elevado grau de vigilância.

Estávamos todos reunidos, uns sentados outros de pé à volta da lareira da Sala de Oficiais, de conversa cada vez mais fiada à medida que se intensificavam as nossas idas – minhas e do Comandante – à cabina telefónica, largando no regresso informações donde a verdade já andava há muito tempo afastada, agora com cada príncipe a defender a todo o custo a sua dama. E as notícias sucediam-se desencontradas, umas denotando grande agitação, outras dando sinais de nada. Alheia a tudo isto a lenha na lareira lá continuava a crepitar.

Até que ... após mais uma ida ao telefone, o Comandante, ao regressar, não disse nada, ou melhor disse que precisava de ir ao seu gabinete buscar uns comprimidos que àquela hora tinha de tomar. Demorou-se bastante e nós começámos com razão a desconfiar; e quando finalmente de lá voltou, bem se via que vinha muito mais nervoso e agitado. Passou por nós sem nada dizer, encostou-se no rebordo da lareira e ali à nossa frente tirou do bolso uma pistola e começou como que a brincar com ela, passando-a várias vezes duma mão para a outra ao mesmo tempo que ia dizendo coisas sem nexos mas que progressivamente iam ganhando sentido, que só quem fosse tolo é que não entenderia.

O momento era sumamente crítico. As intenções eram por demais claras. E foi então que o capitão Ramalho quebrou aquele pesado silêncio, dizendo mais ou menos que era melhor que o Comandante se mantivesse calmo e não encaminhasse a situação para caminhos que depois não se sabia onde poderiam ir dar. E a esta fala quase todas as outras se juntaram, incluindo a do 2º Comandante, que também deu uma ajuda para desviar o seu superior de tão óbvios quanto perigosos intuitos.

E assim acabou mais esta cena sem palmas nem pateadas, com o Comandante a tentar salvar a sua face de uma forma um tanto ou quanto heróica, isso soubemos mais tarde, depois de naquela ida ao gabinete ter estado ao telefone com alguém que lhe garantiu que o golpe tinha fracassado.

Quando a manhã de todo se afirmou, tudo apontava para que o nosso arremedo de projecto tinha efectivamente falhado. A desilusão, a raiva, e logo depois o natural receio do que nos poderia acontecer a seguir foram os sentimentos que de nós se apoderaram. É que, além do mais, éramos todos casados e já pais de filhos. E, quanto a memória me permite, foi nesse momento e estado moral de algum fundado desespero que eu e o capitão Ramalho subimos pensosamente as escadas que do átrio levavam ao quarto que para circunstâncias como esta – de prevenção rigorosa – nos estava atribuído. Ali chegados, e sentados cada um em sua cama, destilámos, mais à vontade, todas as nossas perplexidades, inquietações e raivas, até sentir uma grande vontade de chorar. Mas até aí não chegámos, pois, passado pouco tempo – ou muito, agora já não sei bem – nos vieram chamar para comparecermos no gabinete do Comandante. E agora, que pensar? Arriscámos quase tudo e perdemos; agora era bom de ver que algo de grave nos iria acontecer.

E ali entrámos com todas as regras e salamaleques que nesse tempo constavam do Regulamento de Continências e Honras Militares, todos os capitães envolvidos na “tragédia” que tinha acabado de se representar. À nossa frente, lá estava o Comandante no seu honroso lugar, qual trono que lhe conferia a máxima autoridade, tendo à sua esquerda a enigmática figura do 2º Comandante, que nunca chegámos a saber de que lado estaria ... talvez, quem sabe, de lado nenhum.

«Sabe Deus o que me custa», começou o Comandante por dizer, «quando, para mais», continuou, «éramos todos tão amigos, e vocês deixaram-me assim nesta triste e lamentável situação. Pois, como compreenderão, agora não tenho outra alternativa, face ao que aqui se passou, senão passar-vos uma guia de marcha e mandar-vos apresentar no Comando da Região Militar.»

«Mas, ora então, que diabo, meu Comandante», atalhou logo o segundo, «Se éramos todos amigos, amigos podemos continuar. É certo que houve para aqui uma grande trapalhada, mas, se formos a ver, ao fim e ao cabo nada de fundamental se alterou.»

E se estas surpreendentes palavras tinham já sido pensadas e combinadas ou não, talvez também nunca o saberemos; mas, pelo menos, parece terem tido o condão de desanuviar um pouco aquele ar pesado que por ali tinha ficado a pairar e, para o Comandante, se terem transformado numa espécie de tábuca de salvação, e isto porque, logo a seguir, olhando bem para nós lá deixou escapar um «e... se calhar!» que a todos trouxe um novo alento.

Nós olhámos uns para os outros. E não foi preciso nenhuma troca de impressões para que eu, na qualidade de mais antigo dos capitães, um pouco a custo, ali declarasse para ficar bem assente, que o Comandante podia tomar a decisão que achasse mais adequada àquelas circunstâncias, mas que uma coisa tinha que ficar bem definida: se era par continuarmos na Unidade, sem mais, esquecendo-se o que ali se tinha passado, teria de ser sem qualquer estatuto de favor. Sim, porque nós bem sabíamos que nada ali era gratuito, e o Comandante teria muitas dificuldades, se cumprisse a ameaça inicial, de se justificar junto do Comando da Região Militar, quando, durante todas aquelas intermináveis horas foi informando que no RI-14 tudo continuava normal.

A seguir, como se nada se tivesse passado, dali nos retirámos, cada um para os seus locais de trabalho. Eu nem meia dúzia de passos precisei de dar, pois trabalhava no Gabinete de Estudos, ali mesmo de frente. E foi aí que quase logo a seguir o Comandante me foi chamar, levou-me com ele, escadas abaixo, até ao jardim onde na véspera estivéramos a conversar, parou, olhou bem de frente para mim agarrando-me pelos dois braços para de chofre me perguntar: «E agora, como é que vai ser?» ao que eu, quase sem pensar, lhe respondi que naquele momento já havia camaradas presos e outros transferidos compulsivamente e o que tínhamos na ideia era como veneno que em nós se tinha entranhado – se não foi exactamente assim, foi mais ou menos – e que, portanto, aquilo nunca mais iria parar.

Ao ouvir isto o Comandante ficou ali algum tempo parado e calado até que, e disso nunca mais me esquecerei, à minha frente tinha um homem de semblante bondoso e paternal e ao mesmo tempo triste e muito cansado que, finalmente e com a voz já um pouco arrastada, interrompeu aquele longo silêncio para me dizer que, se calhar era eu que agora teria razão. E com este trágico episódio, não tenho dúvidas, mesmo sem disso termos noção e muito menos intenção, demos mais um forte abanão ao seu já frágil estado de saúde. E assim foi; passado algum tempo este homem que tão bem nos conhecia e que era nosso amigo não aguentou a seguir outro esticção e faleceu.

Pela nossa parte, passados dois ou três dias a contar da nossa última conversa, já tínhamos todos os contactos restabelecidos. E, a partir daí encurtaram-se cada vez mais os intervalos entre reuniões ao mesmo tempo que se acelerava tanto o planeamento como os preparativos para a operação militar, de forma que, volvido pouco mais que um mês, aí estávamos nós outra vez a tomar conta do quartel, agora

pela calada da noite, coisa séria, mesmo para valer, para dali partirmos com uma força que ao juntar-se mais à frente a outras forças constituiria o “Agrupamento November” que tinha a missão de assumir o controlo do Forte-Prisão de Peniche e depois progredir em direcção à Capital para aí se constituir em força de intervenção às ordens directas do Comando das Operações, sobressaltando, assim, por acção de todos, militares e paisanos, o país e o mundo com a Revolução, de certeza, a mais bonita de toda a nossa história pátria e que, por mero acaso, muita sorte e felizes coincidências fica registada com o lindo nome de “REVOLUÇÃO DOS CRAVOS”.

Visou, Dez 2011

*Um Capitão de Abril*